

▶ SHOWTEC 2016

## Evento em Maracaju mostra a ILPF em solos arenosos

Há 4 milhões de hectares disponíveis para cultivo em MS

É possível ter lavoura em solos arenosos? É possível incorporar áreas de pastagens degradadas na produção de grãos? Há viabilidade técnica e econômica? Pesquisadores da Embrapa, especialistas em distintas áreas, afirmam que não só é possível como rentável. O assunto foi tema do painel "Integração lavoura-pecuária-floresta em solos arenosos" no espaço da Embrapa durante o Showtec em Maracaju (MS).

"Se somarmos as áreas ocupadas com solos latossolos, argilosos, os de textura média e os arenosos (neossolos) temos dez milhões de hectares, aproximadamente. Somando o cultivo de cana-de-açúcar, soja, eucalipto e outros grãos, temos quatro milhões de hectares plantados e sobram ainda seis milhões, teoricamente, disponíveis. O que fazemos?", lança o pesquisador Júlio Salton.

Em resposta, o próprio Salton sugere ao produtor aumentar as chances de sucesso com o aproveitamento máximo da água das chuvas, a redução a zero da erosão, a promoção da cobertura de solo com plantio direto, a correção do

mesmo e o aumento do teor de matéria orgânica. Um caminho para se conseguir tudo isso é implantar o sistema de integração lavoura-pecuária (ILP) e, quando convier, incorporar a floresta com seus eucaliptos (ILPF).

Um exemplo cita o agrônomo da Embrapa é o Sistema São Mateus, testado e validado na região leste e arenosa de MS, que leva o nome da propriedade onde ocorreram os ensaios, por no mínimo, cinco anos. Tradicionalmente, os modelos de sistemas integrados iniciam a sequência de rotação pela agricultura, para depois incorporar a pastagem. No SSMateus, começa-se pelo pasto. Salton afirma que "com a adoção do SS Mateus em apenas 1/3 da área disponível pode-se incrementar a produção na ordem de 15 milhões de sacos de soja e 12 milhões arrobas de carne por ano, com valores ao redor de R\$ 2,5 bilhões".

Segundo os cientistas, Mato Grosso do Sul tem quase da metade de sua superfície com pastagem cultivada, a outra fatia é composta pelo Pantanal e lavouras e a área com pastagem apresenta algum grau de degradação ou já degradação total. Além disso, os solos



Cientistas relatam resultados positivos dos sistemas integrados em solos arenosos

do Estado são predominantemente ácidos e com baixa fertilidade natural, com textura mista e arenosa e ainda há a incidência de veranicos.

### O INÍCIO

Entretanto para chegar aos bons resultados é válido gravar um conselho dado pelos pesquisadores: "um mais um não é dois neste caso". A começar pelo ponto de partida, planejamento. Sem gestão rural não se faz integração. Depois olhar onde se pisa, o solo, e então formar um "círculo virtuoso, não vicioso", alerta Manuel Macedo. "A lógica no tempo para quem adota ILP ou ILPF se altera", completa.

O especialista em solos esclarece o raciocínio explicando que na integração lavoura-pecuária a amostragem de solo para cada cultura e sistema de manejo deve ser seguida, criteriosamente, para se planejar uma recomendação segura. Além disso, os resultados dos boletins de análise devem se adequar às condições locais; o manejo da fertilidade precisa observar o sistema como um todo, não uma cultura exclusiva; os níveis críticos dos nutrientes devem considerar as peculiaridades, sem subestimá-las; e, principalmente, adequar o solo para a cultura inicial, porém com foco na mais exigente. Mais que recomendações, são deveres.

(Colaborou Dalízia Aguiar/Embrapa)

# Componente florestal melhorou o microclima e favoreceu animais a pasto

É fato que animais e plantas sofrem fortes influências do clima e também é sabido que os sistemas integrados alteram o microclima, porém isso é bom ou não? Para o agrometeorologista da Empresa, Darnilton Flumignan os primeiros sinais de experimentos em andamento no Estado respondem que sim, com devidas recomendações.

Ele relata que a adoção do plantio direto minimizou as perdas por evaporação de água; a inserção do componente florestal melhorou o mi-



croclima e favoreceu os animais e o pasto; o uso de quebra-ventos, corretamente direcionados, reduziu as perdas por eva-

potranspiração e o plantio de espécies e cultivares mais tolerantes a temperaturas altas e déficit hídrico garantiram índices satisfatórios de produtividade.

Mais além, “apesar do uso de sistemas integrados serem recentes, a pesquisa científica tem demonstrado que são melhores que os sistemas simples, como só lavoura ou só pecuária para produção frente aos efeitos adversos do clima”, complementa Michely Tomazi, PhD em solo.

Durante o painel, a pesquisadora, assim como os demais profissionais,

baseada em resultados recentes, ressaltou que os produtos obtidos em sistemas integrados tem um percentual de emissão bem menor do que os obtidos em sistemas não integrados e “quando incluímos árvores para produção de madeira, por exemplo, o balanço geral do sistema é positivo para o sequestro de carbono. Fica mais carbono retido do que é emitido para atmosfera. Nesse balanço, até o famoso metano emitido pelos animais é compensado pelo gás carbônico capturado pelas árvores”. **(D.A)**